



## **A AVALIAÇÃO DA PSICOGÊNESE DA ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES PARA O FAZER PEDAGÓGICO**

Gláucia da Silva Cavalcante<sup>1</sup>  
Mylena Raquel da Silva Alves<sup>2</sup>  
Joseval dos Reis Miranda<sup>3</sup>

### **1 INTRODUÇÃO**

Este estudo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de João Pessoa/PB, sobre a psicogênese da escrita, com o objetivo geral de elucidar em quais níveis da escrita se encontravam os estudantes a partir da proposta de Ester Pilar Grossi. A pesquisa foi realizada sobre o âmbito de atividades desenvolvidas na disciplina de Organização e Prática do Ensino Fundamental, ofertada no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, no Centro de Educação, *Campus I*.

A avaliação foi elaborada teoricamente a partir dos estudos de Ester Pilar Grossi (1990 a, b, c), cujo ênfase está no desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças. Os dados foram coletados por meio de um teste/ditado proposto a turma no período de estágio curricular obrigatório. Foram obtidos como principais resultados a predominância da turma em questão no nível alfabético.

Assim, inicialmente trazemos algumas reflexões sobre a psicogênese da escrita para em seguida socializarmos o caminho metodológico desenvolvido. Em seguida, apresentamos os resultados detectados e por fim, as considerações finais.

### **2 CONHECENDO A PSICOGÊNESE**

A psicogênese da escrita é um processo pelo qual o aprendente perpassa níveis de aquisição de leitura e escrita. Em outras palavras, é a apropriação de conhecimentos inerentes ao sujeito que vivencia hipóteses acerca do ato de ler e escrever. Grossi

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [glaucissima@gmail.com](mailto:glaucissima@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, [mylenaarrudapedagogo@gmail.com](mailto:mylenaarrudapedagogo@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor orientador, Doutor e Mestre em Educação pela Universidade de Brasília, docente da disciplina de Organização e Prática do Ensino Fundamental - UFPB, [josevalmiranda@yahoo.com.br](mailto:josevalmiranda@yahoo.com.br)



(1990a), afirma que “os níveis de concepção sobre a leitura e a escrita são constituídos por um conjunto de condutas, determinantes pela forma como o sujeito vivencia os problemas num processo de aprendizagem”. De acordo com a autora em questão os níveis são divididos em quatro etapas, a saber: Pré- silábico 1, Pré-silábico 2, Silábico e Alfabético.

No nível pré-silábico 1, o estudante compreende que a escrita só se faz possível por meio de desenhos e garatujas e a leitura é a interpretação dessas imagens, sendo impossível ler letras. Nessa fase, não se sabe o que a letra representa, pouco se diferencia as grafias de uma palavra e outra. (GROSSI, 1990a).

Já no nível pré-silábico 2, surgem questionamentos sobre os sinais gráficos de escrita. Essa descoberta traz à tona o conhecimento de que não se escreve por desenhos, assim, o estudante passa a fazer uso de rabiscos ou sinais que lembrem letras, ou até faz uso dela, contudo não identifica nenhuma, por meio da memorização demonstra estabilidade ao escrever seu nome ou palavras que tenha interesse, relaciona número de letras com o tamanho do objeto real, ou seja, ao escrever nomes de objetos grandes tende a fazer sua grafia grande, para nomes de objetos pequenos tende a diminuir a grafia, não percebe nem faz relação entre o som e as letras, distingue imagem de texto e letra de números, porém não distingue categorias linguísticas (letras, sílabas, palavras, frases). (GROSSI, 1990a).

O nível silábico é “definido pela hipótese de que a cada sílaba corresponde uma letra” (GROSSI, 1990b, p.57) e pela “segmentação quantitativa das palavras em tantos sinais gráficos quantas são as vezes que se abre a boca para pronunciá-las (GROSSI, 1990b, p.30), assim, quando estão nesse nível a tendência é também reduzir sua escrita ao uso das letras do seu próprio nome, e representar numa palavra apenas as letras iniciais da palavra. O estudante silábico descobre que as letras representam os sons na fala, percebe que não se pode escrever como se quer, mas de acordo com a pronúncia e que letras apenas, não pode ser considerado sílabas, acredita que cada letra corresponde a uma sílaba oral, reconhece a forma e a posição das letras, copia qualquer palavra embora não leia, descobre que existe sons iguais com grafias diferentes, aceita palavras com uma ou duas letras, começa a necessidade de colocar uma certa ordem das letras nas palavras. (GROSSI, 1990b).

O nível alfabético é caracterizado pela percepção da criança que é necessário juntar as letras de maneira que representem sílabas, completa palavras com as sílabas



que faltam, escreve palavras e textos sem preocupação ortográfica surgindo problemas de ortografia, lê, tem dificuldade na separação das palavras em textos, tende a generalizar que as consoantes sempre precedem as vogais e escreve do jeito que fala. Entretanto, o aluno no nível alfabético não escreve corretamente de acordo com a ortografia e o léxico. (GROSSI, 1990c).

Para Ester Pilar Grossi (1990c) os estudantes antes de alcançar o próximo nível superior ao qual se encontra, entra num momento de conflito de passagem, que não é um nível intermediário como defende outros pesquisadores. Ela afirma que o sujeito perde a estabilidade dos níveis anteriores e ainda não se organizou de acordo com o seguinte, sendo este um momento privilegiado (GROSSI, 1990c, p.53), justamente por indicar ao aluno que suas hipóteses são insuficientes para responder seus problemas.

Assim, cabe salientar a importância do conhecimento de tais níveis por parte do (a) professor (a) alfabetizador, uma vez que o trabalho de alfabetização não é linear e homogêneo, acima de tudo ao que concerne as crianças que se encontram em situação de conflito decorrente da passagem de um nível para outro, na maioria das vezes elas apresentam sinais que para um (a) educador (a) desatento pode ser interpretado como regressão, quando na verdade faz-se necessário que haja ações de incentivo e encorajamento adequado para que tais alunos não caiam ao fracasso. Além disso, saber o grau de aprendizagem da escrita e da leitura dos alunos leva o (a) professor (a) planejar de modo eficiente suas aulas e reconhecer o foco a ser trabalhado em determinadas atividades.

### **3 METODOLOGIA**

A metodologia utilizada teve como foco a abordagem qualitativa de pesquisa, pois segundo Godoy (1995, p 21), “[...] um fenômeno é melhor compreendido no contexto em que ocorre e faz parte”. Esse trabalho objetivou por meio da avaliação da psicogênese da escrita, revelar os níveis de escrita os quais se encontravam os estudantes do 2º ano ‘B’ do ensino fundamental de uma escola municipal de João Pessoa/PB. A avaliação foi realizada por meio da aplicação de um ditado individual, constituído por duas palavras monossílabas (pé- pão), duas palavras dissílabas (belo- cubo), duas palavras trissílabas (bicudo- cabide), duas palavras polissílabas (política –



telefone) e uma frase (O tucano bicou o mamão.), a aplicação da avaliação foi realizada em 18 de fevereiro de 2020.

A turma que serviu de objeto para a avaliação da psicogênese é composta por 30 crianças sendo 14 meninas e 16 meninos, a faixa etária da turma compreende majoritariamente os 7 anos de idade. No dia da aplicação do teste estiveram presentes em sala 26 estudantes, os quais realizaram prontamente a avaliação. Sem dificuldade realizaram o ditado proposto o que trouxe certa leveza em seu desenvolvimento.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados gerados por meio da aplicação do teste/ditado da psicogênese da escrita demonstram que as crianças agrupam-se três estágios, sendo a maioria pertencente ao nível alfabético (88%), em estágio pré- silábico 2 (8%) e (4%) em silábico, nenhuma criança compreende ao estágio pré silábico 1.

Tratando-se do 2º ano do fundamental como foi apontado percebemos que os estudantes em sua maior parte estão no estágio adequado, haja vista, que percebem que é necessário juntar as letras de maneira que representem sílabas, completam palavra com sílabas que faltam, leem, surgem os primeiros problemas relativos a ortografia e escrevem do jeito que fala. Características essas que evidenciam o nível de escrita o qual se encontram.

O papel do (a) professor (a) nesse caso deve pautar-se em compreender que seus alunos (as) ainda não estão alfabetizados, pois não sabem ler e escrever corretamente do ponto de vista ortográfico nem do ponto de vista de léxico.

Partindo desse pressuposto, considera-se que dificilmente uma classe inteira de alunos avança igualmente no mesmo espaço de tempo, por tanto, entender que as atividades destinadas a esse nível não deverão ser destinadas a todos os alunos, pois o foco é diferente a cada nível e aceitar como favorável a heterogeneidade da turma, são fatores fundamentais para o avanço das crianças.

Sugerimos que as atividades trabalhadas contemplem produção textual coletiva e individual: cartas, bilhetes, confecção de jornal, de livrinho, e outras; leituras globais e parciais; reconhecimento de palavras, frases ou letras no texto; contagem de frases, contagem dos espaços e de palavras; ditado tanto de palavras quanto de frases; bingo de



sílabas envolvendo nomes de personagens de uma determinada história, construção de nomes de objetos a partir de sílabas móveis e jogo da forca, por exemplo.

São atividades que evidenciam a “associação letra x som, isto é, do valor sonoro convencional de algumas letras bem como de saber juntá-las para que constituam as sílabas.” (GROSSI, 1990c, p.62-63), o trabalho contínuo na demanda da leitura e da escrita de forma prazerosa e contextualizada desperta o interesse do estudante para ler e escrever.

Todavia os dois grupos menores da turma requerem também o olhar cuidadoso do (a) professor (a) para que avancem no estágio em que se encontram. Nesse caso é importante lembrar que em seu trabalho não pode haver segregação dos grupos já que a interação social na sala de aula é necessária, contudo, as atividades direcionadas para esse público deve ser diferenciada e sem fugir ao contexto proposto durante as aulas.

Desse modo, atividades que abarcam o exercício da escrita e da leitura, tais como, escrever cartas/bilhetes para os colegas que vem faltando as aulas, para toda classe, para os pais, etc; podem ser utilizadas em ambos os níveis, jogos como da memória, bingo das letras e quebra-cabeça, o diferencial estará no foco que o (a) professor (a) dará de acordo com cada nível, no silábico 2 “Os sujeitos que aprendem têm uma visão sincrética dos elementos da alfabetização. Letras podem estar associadas a palavras inteiras” (GROSSI, 1990b, p. 55) enquanto que no silábico há “segmentação quantitativa das palavras em tantos sinais gráficos quantas são as vezes que se abre a boca para pronunciar-las (GROSSI, 1990b, p.30), assim demonstra-se a proximidade entre os níveis fortalecendo o trabalho coletivo e não segmentado.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir dos estudos da Esther Pilar Grossi (1990 a, b, c), compreendemos que o processo de alfabetização, do ponto de vista de que de fato há degraus a serem alcançados pelos aprendentes, e por esse motivo possuir os conhecimentos desenvolvidos por ela são de grande relevância, para que o (a) professor (a) saiba com base na identificação dos níveis de aprendizagem da escrita e da leitura, como intervir para que seus alunos obtenham sucesso.

Ao longo desses estudos que embasaram a realização da avaliação da psicogênese da escrita com as crianças do 2º ano, foi possível atestar a importância de



tal diagnóstico nos anos do ciclo da alfabetização. Fundamentado nela é que o (a) professor (a) pode desenvolver com mais eficácia sua prática.

O teste/ditado deve ser aplicado no início do ano letivo para inspirar o planejamento e favorecer o conhecimento prévio da turma por parte do (a) professor (a). É interessante ainda que se repita a avaliação ao final de cada bimestre ou unidade trabalhada, a fim de apontar como se encontram os alunos em suas evoluções e/ou dificuldades, assim, será possível a realização de um trabalho pedagógico que sane dificuldades e favoreça os avanços. Além disso, contribuirá para que as aulas sejam mais dinâmicas e direcionadas para cada nível de escrita e leitura.

O papel do professor dentro do ciclo da alfabetização deverá ser de mediador do processo, desse modo, ele assume a postura de incentivador, procura levantar hipóteses junto ao seu alunado, ao invés de lhes conceder respostas prontas. Para tanto, é imprescindível o conhecimento de cada fase do processo de leitura e escrita em que se encontram os estudantes.

Destaca-se que uma boa prática em sala de aula resultará no sucesso dos alunos, para isso, o planejamento é fundamental, por meio dele é que se torna possível pensar em aulas dinâmicas e desafiadoras as quais criem possibilidades para os estudantes avançarem constantemente. É por isso que, o (a) professor (a) alfabetizador (a) deve exercitar uma pesquisa cotidiana de investigação no sentido de construir possibilidades para sua prática seja mais precisa, as atividades aplicadas devem partir dessa observação.

No processo de alfabetização é preciso que a escola como um todo se mobilize para criar ambientes harmônicos que propiciem o aprendizado. O ambiente escolar é favorável ao desenvolvimento de habilidades e competências no aluno, para tanto, é importante a organização do trabalho didático levando em conta os textos que circulam entre o meio social dos estudantes, assim eles atribuirão significado para os alunos e seu uso não será vazio.

Afinal, eles são capazes de identificar letras e palavras muito embora ainda não as associem aos fonemas, isto se dá pela exposição cotidiana da paisagem que os cercam. São os ambientes alfabetizadores, onde as paredes ocupadas por materiais didáticos (cartazes, alfabetos, textos diversos, etc) dentro da sala de aula, incentivam a prática de leitura favorecendo ações de letramento.



Diante do exposto, acreditamos na relevância da avaliação da psicogênese para o sucesso do ensino aprendizagem no ciclo da alfabetização, haja vista, a necessidade de apoderar-se desse conhecimento para saber como lidar com as especificidades dos estudantes.

## 6 REFERÊNCIAS

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa:** tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GROSSI, Ester Pillar. **Didática da alfabetização do nível pré-silábico.** Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, volume 1, 1990a.

GROSSI, Ester Pillar. **Didática da alfabetização do nível silábico.** Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, volume 2, 1990b.

GROSSI, Ester Pillar. **Didática da alfabetização do nível alfabético.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, volume 3, 1990c.